

Cuidado de si e do outro: possíveis contribuições das escolas filosóficas gregas para repensar a Educação Contemporânea

Luciana A. Silva de Azeredo*

O objetivo deste ensaio é olhar para a forma como os processos e práticas educativas ocorriam na Grécia antiga, com base especialmente em Hadot (1999), com o intuito de que este passeio pelo passado de nossa cultura ocidental possa elucidar algo sobre o como e por que agimos hoje de determinadas formas, de modo a puxar alguns fios que permanecem desde as primeiras escolas e outros que sofreram modificações ao longo dos séculos. Tomando distância do nosso momento sócio-histórico-ideológico, tendo como ponto de partida os estudos foucaultianos, em especial da terceira fase – o “cuidado de si” –, acreditamos que possamos “interrogarmos como chegamos a fazer o que fazemos e como chegamos a pensar o que pensamos, ações que não se dão de forma separada, procurando compreender as mudanças pelas quais passamos, suas limitações e permissões” (CAMINI, 2009, p. 661). Em outras palavras, pensar “em práticas que possuem sua produtividade, já sendo um começo estranharmos o que fazemos rotineiramente em nossas salas de aula” (CAMINI, 2009, p. 661). Trata-se, segundo Henz (2009, p. 141), “do desafio de deformar, de abrir espaço na fôrma do pensamento e da cultura, de tornar porosa a blindagem a que todos - não só os jovens - estão submetidos”.

Voltemos, então, ao passado... Na Antiguidade Grega, para além de uma adesão pura e simplesmente intelectual comum nos dias atuais, a escolha de pertencer a uma escola, qualquer que seja, envolvia a adoção de uma maneira de ser e de viver, ou seja, um “modo de vida”. Vale mencionar que as “escolas” do passado eram lugares de reunião, de encontro, de abertura “para o diálogo inflamado e o caminhar juntos” (SILVEIRA, 2014, p.16). Encontro este do olhar, do reflexo de si no olhar do outro, enfim, encontro de almas.

Nas escolas de tradição socrática, platônica, aristotélica e estoica, apesar das profundas mudanças no cenário político e social vivenciadas naquele momento, aprendia-se a “não só a governar, mas a governar-se a si próprios” (HADOT, 1999, p. 156), por meio de um ensino de forma dialógica e dialética (discussão de uma tese se faz por meio de perguntas e respostas, ou seja, um diálogo). Porém, mais adiante no tempo, na época imperial, a partir do século II d. C., o ofício do mestre muda: ele

passa a ser aquele que comenta os textos.

O ensino epicurista tem por início a memorização dos dogmas da escola, apresentados inicialmente em forma de frases curtas de fácil retenção. A este respeito, Hadot (1999, p. 159) menciona que o ensino

[...] começa, com efeito, pela leitura e memorização de breves resumos da doutrina de Epicuro, apresentada sobre a forma de sentenças bem curtas, depois o discípulo toma conhecimento de resumos mais desenvolvidos como a Carta a Heródoto e, finalmente, se o deseja, pode abordar a grande obra de Epicuro.

Hadot lembra que, ainda que o discípulo avançasse nos estudos, devia sempre voltar aos resumos para não perder os detalhes e a noção de totalidade, em outras palavras, havia “um vaivém contínuo entre a extensão dos conhecimentos e a concentração sobre um núcleo essencial” (HADOT, 1999, p. 159).

Os estoicos, por sua vez, embora utilizassem o método dialético em seu ensino, também procuravam apresentar sua doutrina por meio de um encadeamento rigorosamente sistemático, e como a escola epicurista igualmente exigia de seus discípulos, “que tivessem sempre presente ao espírito, por esforço constante da memória, o essencial dos dogmas da escola” (HADOT, 1999, p. 160), ou seja, os discípulos deviam memorizar frases curtas, com grande força persuasiva e melhor eficácia mnemotécnica. Vale mencionar que este sistema tinha um grande valor psicagógico¹ e visava produzir efeito na alma dos ouvintes e/ou leitores.

Já os cínicos, que não constituíram escolas, dirigiam-se a todas as classes sociais, indistintamente, instruindo-as por meio de exemplos, da denúncia das convenções sociais e da proposição do retorno a uma vida simples em consonância com a natureza.

Para as escolas helenísticas acima mencionadas, a filosofia devia ser vivida e ensiná-la deveria ser um convite à sua prática. Nas palavras de Hadot (1999, p. 203), “era um ato único, que era necessário praticar a cada instante, em uma atenção

*FUNVIC e FATEC. Endereço eletrônico: luazeredo@gmail.com

(*prosokhê*) incessantemente renovada, atenção a si mesmo e ao momento presente”.

Para encerrar este breve passeio por alguns dos métodos de ensino usados pelas escolas helenísticas, essencialmente ligadas à deusa *Mnemosine* (Memória), também à Razão Universal (moral, cósmica e racional), cabe aqui retornar ao método que Sócrates utilizava com seus discípulos e com todos com quem se deparasse pelas ruas de Atenas. Como mestre, como educador, ele acreditava ter recebido a missão divina do Deus Apolo² de “despertar os homens, conforme inscrição délfica do “Conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*), para depois no “Cuidado de si” (*epiméleia heautou*) dedicar-se ao cuidado com o outro” (SILVEIRA, 2014, p. 116).

De acordo com Silveira (2014), o método socrático consistia em promover a descrença dos fundamentos discursivos dos interlocutores, tornando-os frágeis (*Ironia*) e, depois, fazer com que os interlocutores se sentissem grávidos pelo saber (*Maiêutica*). No método socrático, pela ironia e pela maiêutica, os discípulos eram levados a encontrar suas verdades, seus caminhos, seu “modo de vida”, cada um a seu tempo, de sua forma, respeitando sua história de vida, seu conhecimento prévio.

Tal como a sua mãe Fenareta, que era parteira e o seu pai Sofronisco que era escultor, parece que Sócrates reuniu as duas artes criativas (poiésis) em uma única e criou a do “Educador”, pois ajudava as pessoas grávidas pelo saber a darem a luz, bem como, as esculpia, ajudando-as a se tornarem belas, numa Escultura de si (SILVEIRA, 2014, p. 111).

Sócrates não só examinava continuamente suas convicções e fazia com que os outros examinassem as suas, mas também adotava um “modo de vida” que condizia com sua filosofia, ou seja, seu discurso filosófico estava em plena consonância com sua vida cotidiana, com o modo de vida adotado pelo filósofo, que tanto atraía os jovens atenienses, que tanta admiração e inveja provocava.

Segundo Jaeger (2001, p. 598), Sócrates era um grande pregador da virtude e do cuidado da alma, cujo objetivo era “lançar a inquietação nos homens e estimulá-los a fazer alguma coisa por conta própria”. Como mencionado anteriormente, nosso filósofo é sempre o interrogador, consciente

de que nada sabe, aquele que acredita que o deus Apolo lhe incumbiu de fazer com os que os homens tomem consciência de seu próprio não-saber. Segundo Hadot (1999, p.53), para o filósofo, o saber e a verdade devem ser engendrados pelo próprio indivíduo e sua ignorância dissimulada é devida à recusa da concepção tradicional do saber. Em outras palavras, “seu método filosófico consistirá não em transmitir um saber, o que exigiria responder às questões dos discípulos, mas, ao contrário, em interrogar os discípulos, pois ele mesmo não tem nada a dizer-lhes, nada a ensinar-lhes de conteúdo teórico de saber” (HADOT, 1999, p. 53). Isso quer dizer que “a verdadeira questão que está em jogo não é isso de que se fala, mas aquele que fala”, ou seja, a questão não reside em questionar o saber que supostamente se tem, mas em questionar-nos a nós mesmos e também os valores que dirigem nossa própria existência (HADOT, 1999, p. 54). Sócrates levava seus interlocutores a examinar-se e a tomar consciência de si mesmos. “Como um tãvão³, fustiga seus interlocutores com questões que os põem em questão, que os obrigam a prestar atenção a si mesmos, a tomar cuidado consigo mesmos” (HADOT, 1999, p. 55).

Em suma, o verdadeiro problema, segundo Hadot (p.56, grifo nosso), não é “saber isso ou aquilo, mas SER desta ou daquela maneira”, trata-se de um saber-viver, não apenas de uma cultura geral e científica, mas de uma formação para a vida, que transforma as relações entre os homens e os prepara para as inúmeras adversidades da vida. Lembrando que a transformação de si nunca é definitiva. Ela exige uma eterna reconquista. Vale também mencionar que o “cuidado de si” não se opõe ao cuidado do outro. É, na verdade, “indissolivelmente cuidado da cidade, e cuidado dos outros” (HADOT, 1999, p. 67).

Como podemos notar, o ser humano e também a revelação dos falsos saberes ou do não-saber foram focos das investigações de Sócrates. Ele acreditava que “quem tem consciência de seu não saber é mais sábio do que aquele que acredita saber tudo” (DROSDEK, 2008, p. 46) e que o melhor caminho para o conhecimento era o diálogo irrestrito com outras pessoas, ou seja, a possibilidade de “averiguar seu próprio raciocínio a partir das ideias dos outros” (DROSDEK, 2008, p. 63). Além do mais, observa-se a importância atribuída por Sócrates à *Philia* (amor fraternal), que considerava tanto a amizade quanto à solicitude, essenciais à atividade do filósofo, do mestre

(DROSDEK, 2008).

Cabe ressaltar que sua forma de ensinar se contrapõe à dos sofistas, professores muito bem pagos que “ensinavam a elite ateniense a fazer uso das artimanhas retóricas” e para quem o que importava não era trazer as verdades à luz, mas sim “convencer a grande massa de seu próprio ponto de vista, mesmo quando este era nocivo para o bem comum” (DROSDEK, 2008, p. 33).

É importante salientar que Foucault menciona (2010, p. 55) que o papel do mestre é fundamental no “cuidado de si”, mas alerta que “o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que guia pode ter de si mesmo”. Para o autor, não se trata de ensinar aptidões e capacidades, mas de encontrar no amor que se tem pelo discípulo, a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio.

O estudo da Antiguidade Grega e a confecção desta resenha evidenciou-nos a importância de realizar atividades com os alunos que envolvam a leitura e reflexão dos clássicos da humanidade, em especial, das obras filosóficas. Estas obras podem auxiliar no desenvolvimento de um trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo: saber como e até onde é possível pensar de outro modo, através da reabilitação da concepção de filosofia como ascese, que envolve uma transformação da visão de mundo e uma metamorfose da personalidade, aprendendo a viver consciente e livremente. É, portanto, primordial saber não exatamente quem somos nós no presente, porém o que estamos nos tornando - o eterno devir. Enfim, a filosofia como “modo de vida”, não apenas discurso, teoria, retórica! (PORTOCARRERO, 2006).

Para encerrar, ressaltamos que acreditamos na singularidade dos alunos, das salas, das instituições de ensino, dos professores e outros fatores envolvidos, portanto, não temos a intenção de apresentar “receitas prontas” para serem reproduzidas em outros contextos, mas sim problematizar a relação aluno-professor-aluno. Afinal, como diz Veiga-Neto (2006, p. 35) é no cenário atual “de rápidas, amplas e profundas mudanças sociais e educacionais [...] que temos de pensar, enquanto docentes, o que estamos fazendo, seja com os outros, seja com cada um de nós mesmos”.

Notas

1 Adjetivo derivado da palavra Psicagogia: sf (Gr.

psykhagogía) 1 antg. gr. Evocação mágica das almas. 2 Antig. Gr. Cerimônia religiosa para aplacar as almas dos defuntos. 3 A Retórica, segundo Platão. 4 Ret. Arte de guiar as almas pelo melhor caminho (FONTE: <http://www.dicio.com.br/psicagogia>)

2 “Também conhecido com Febo (brilhante), na mitologia grega é considerado o deus da juventude e da luz, identificado primordialmente como uma divindade solar, uma das divindades mais ecléticas da mitologia greco-romana. Filho de Zeus e da titã Latona (Leto). Tinha uma irmã gêmea Ártemis que era conhecida pelos romanos como Diana, a deusa da caça.” (Fonte: <http://www.infoescola.com/mitologia-grega/apolo/>)

3 [Zool.] - Inseto da família dos Tabanídeos, de que há algumas espécies, como o tавão-besteiro (Tabanus Bovinus), que pica bois e cavalos. A mutuca é desta mesma família. (FONTE: <http://www.dicionarioinformal.com.br>)

Referências

CAMINI, Patrícia. O governo da aprendizagem de leitura e da escrita na escola: Disciplina e controle. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 19, n. 7/8, p. 653-663, jul./ago. 2009.

DROSDEK, A. *Sócrates: o poder do não saber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. 3ª ed., (Trad.) FONSECA, Márcio; MUCHAIL, Salma T. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Historia da sexualidade 3: O cuidado de si*. 12ª ed., (Trad.) ALBUQUERQUE, M. T. C. Rio de Janeiro, Graal, 2013.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* (Trad.) MACEDO, Dion São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HENZ, A. O. Formação como deformação: esgotamento entre Nietzsche e Deleuze. *Revista Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. IX, n. 1, p. 135-159, 2009.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 4ª ed., (Trad.) PARREIRA, Artur M.. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PORTOCARRERO, V. Reabilitação da concepção de Filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault. In: KOHAN, W. O.; GONDRA, J. (Org.). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 191-204.

SILVEIRA, Carlos Roberto. *A Educação Socrática como “Modo de Vida”*: a Imagem do “Cuidado de

Si” na Beleza Poética do Sático. *Revista Horizontes*, EDUSF. v. 32, n. 2, jul./dez. 2014 (p. 109-119).

VEIGA-NETO. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: (Orgs.) RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.

Sobre a autora

Luciana A. Silva de Azeredo é licenciada em Letras Português-Inglês e Mestrado em Linguística Aplicada (2012) pela Universidade de Taubaté. Atualmente, é Doutoranda em Educação da Universidade São Francisco e leciona nos cursos de graduação da Fundação Universitária Vida Cristã e das unidades FATEC de Pindamonhangaba e de Jacareí e no curso especialização em língua inglesa da Universidade de Taubaté.

Recebido em outubro de 2015.

Aprovado em novembro de 2015.